

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

A Memória dum Povo (Mértola)

Rui Rocha

Assunto: Memórias

Expresso, 19.10.1991



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca

Livro n.º 1460

Cota n.º 453

MÉRTOLA

O Campo Arqueológico de Mértola vem, desde há anos, a desenvolver um programa original de recuperação integrada de toda a memória histórica do concelho, dos romanos até hoje, em estreita cumplicidade com a população local

A memória dum povo

RUI ROCHA

ERA UMA rica casa, a meia-encosta, ao lado da grande mesquita. Do átrio, aberto à chuva (preciosa na secura das terras alentejanas, que nem o Guadiana, lá em baixo, minorava), entevia-se a sala principal através de um elegante arco duplo. Os habitantes sentiam-se protegidos dos ataques humanos pela proximidade das torres do castelo, onde chegariam a tempo, caso cedessem as muralhas que cercavam a almedina. De outros males, que não os da guerra, protegia-os a ferradura pendurada atrás da porta que dava para o minúsculo pátio de entrada onde se prendia o burrico. Um dia as muralhas cederam, os assaltantes arrombaram a porta, fazendo cair a ferradura, e deixaram a casa em ruínas. A poeira dos anos acumulou-se, a terra acabou por cobrir a bela casa. Sete séculos depois, restavam apenas, de baixo do chão, a base de pedra das paredes, a soleira da sala... e a ferradura.

Cláudio Torres encontrou, numa das campanhas de escavações que vem dirigindo desde há anos em Mértola. Por aí começa uma longa conversa, à descoberta da vida por detrás das linhas de pedras que marcam, de forma fria para quem as não sabe ler, o traçado da povoação árabe ali existente no século XIII. Nem os cadáveres, ou antes, os ossos que deles restaram, escaparam à vontade de fazer reviver o passado que anima o arqueólogo e a sua equipa.

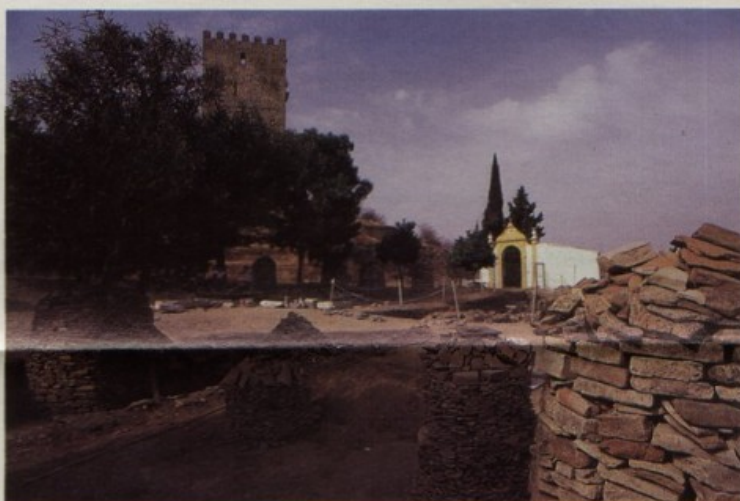
O terreno vazio, onde antes se tinham erguido casas como as que referimos, veio a ser usado, no fim da Idade Média, como cemitério, ao pé da igre-

ja matriz em que se transformara a antiga mesquita. A encosta descaí para o rio. Do outro lado, uma linha direita de serra define o horizonte a leste. Os corpos, nus, envolvidos num simples lençol, eram ali enterrados para voltarem ao pó de que tinham saído. Bons cristãos, tanto os falecidos como os enlutados, sabiam que, no futuro, Cristo, surgindo do alto, daria uma nova e duradoura vida. Os corpos eram, por isso, sepultados olhando para o Sol, nascendo por detrás dos montes de além-Guadiana, cada dia despontando num sítio diferente, no seu curso de solstício a solstício. Não há, assim, entre as ossadas que os investigadores têm de levantar para chegar aos níveis mais antigos, árabes e romanos, duas com o mesmo alinhamento. Uns morreram no Verão, outros no Outono; uns apontam para norte, outros para sul. O tratamento estatístico desses dados dá-nos, pois, as vagas de velhos que se iam com as folhas, e dos que não tinham já seiva para suportar o renascer primaveril. Velhos ou novos, homens e mulheres, os seus ossos dizem-no-lo. A idade vai soldando os ossos do crânio; a nuca feminina não é exactamente igual à masculina; os músculos, mais ou menos desenvolvidos, deixam marcas diferentes nos ossos dos braços. Em breve, será possível, graças a novas técnicas já desenvolvidas, conhecer as doenças de que sofriam, definir a distribuição dos grupos sanguíneos.

Não é só a saúde desses vagos antepassados que os poucos ossos que não cumpriram o mandamento bíblico de se fundirem na terra que os alimentara nos permite conhe-

cer. A comunidade, organizada pelos vivos, não se desfaz na morte. Querem conhecer a bruxa da vila? Ei-la, deitada de bruços, de tomzelos amarrados e pregados ao chão, para não levantar voo à hora dos morcegos e dos mochos, a desinquietar os que cá ficaram. Não que pensassem que as suas mezinhas, as ervas ceifadas nos dias (ou noites) determinados, tinham artes do Demo. Isso são ideias que virão depois, com a Santa Inquisição e as fogueiras purificadoras, as cinzas lançadas ao vento. Se não fossem mulheres de Deus, não iriam para o Campo Santo. Mas detinham poderes inquietantes, e os pregos lá continuaram, enormes e bem cravados, até serem imprevisivelmente descobertos quinhentos anos depois.

ASSIM de bruxas e maus olhados, de doença e tristeza se fazia a vida. E continua a fazer-se. O Campo Arqueológico de Mértola, assim se chama a associação responsável pelas pesquisas, não se preocupa só com o passado. O presente é iluminado por ele, nos seus usos persistentes. O futuro deste concelho, o maior e um dos mais pobres de Portugal, talvez dele dependa, do turismo cultural que os seus restos suscitem. Cláudio Torres, a explicar quais as ferraduras que detêm poderes protectores, transmuta-se em etnólogo, como quando evoca os rituais alimentares — o consumo da cabeça inteira do carneiro, por exemplo, pelos jovens — que não seriam muito diferentes no século XIII, a avaliar pelas cornaduras encontradas nos vazadouros de então. E a sua



O Guadiana diante de Mértola; o castelo, que alberga o museu visigótico; a Igreja Matriz, antiga mesquita. Vestígios de outras eras sobrepõem-se por toda a parte, mas os responsáveis pelo Campo Arqueológico não se interessam apenas pelo passado

Fotos: António Pedro Ferreira

equipa procedeu, por exemplo, ao levantamento do padrão das tradicionais mantas de lã da região, e relançou o seu fabrico num atelier onde se empregam umas quantas jovens merto-lenses que, sem ele, teriam partido para outras bandas, como tantas conterrâneas. O Campo Arqueológico é, aliás, um dos maiores empregadores do concelho, logo a seguir ao Município. Vão inventariando, também, outros patrimónios, os oragos de santos, que se foram substituindo uns aos outros nos altares, à medida que as modas de devoção mudavam — que isto de devoção também tem modas, e quem se lembra de ir rezar a S. Vito hoje em dia? Um pequeno museu de arte sacra, na antiga Misericórdia local, concentra alguns dos frutos dessa recolha. Mas não ficaram para lá, a empoeirar-se como empoeirados já estavam nas suas ermidas. Se tanto se fala em museus vivos, o Museu de Arte Sacra de Mértola oferece um dos exemplos mais inesperados, pelo menos para nós. Notei que faltava um santo, e Cláudio Torres explicou que tinha sido preciso por causa de uns gados, e as pessoas da respectiva aldeia tinham vindo por ele. Depois da sua acção milagreira, lá voltara aos cuidados de que a sua carcaça seicentista vai precisando.

Os santos, como as memórias, as mantas, as casas, os saberes e a beleza do Guadiana, lá em baixo, azul, do sol a bater, são do povo. O Campo Arqueológico guarda e acarinha aquilo de que se propõe ser fiel depositário. Nada mais. Ou melhor, há algo mais: a um povo que nunca perdeu o orgulho, pretende pedagogicamente devolver, de forma clara e visível, as razões desse orgulho, mesmo as mais evanescentes, as das lutas pela sua dignidade.

SÃO DOMINGOS, a poucos quilómetros, é hoje um quase deserto de casas desenhando uma imensa rua circular. Foi durante décadas terra de mineiros de uma das grandes minas do país, que alimentou Mértola quando o fim do seu porto lhe anunciava o declínio (era por ali que, até aos progressos de transporte do século passado, saíam os trigos do Baixo Alentejo, Guadiana abaixo, rumo a Lisboa). Quem diz terra de mineiros diz terra de lutas sindicais e de tradições particulares. Lá estão, por ora apenas guardados em caixas, à espera do restauro, que a seda esgarçar-se bem precisa, os pendões dos sindicatos, as bandeiras das associações de recreio. E, noutras caixas, as

fotografias, os jornais, os registos magnéticos das conversas com os sobreviventes, a contar das greves e das festas, as folhas de pagamento das empresas, a lembrar misérias e prosperidades, que em terra de cegos quem tem olho é rei, e mais valia, bem mais, ser mineiro que jornaleiro alimentado a gaspacho de água e vinagre (o das receitas, cheio de quadradinhos de coisas boas, presunto, pimento e tomate, era coisa de senhores da terra, já se vê).

Sem atenção ao homem concreto, sem sensibilidade aos seus sofrimentos e anseios, não se faz história, mastiga-se erudição. É uma verdade que vem ao mesmo tempo de Michelet e dos «Annales». O que é raro é que o fazer história não se esgote no acto da sua escrita e extravaze para o mundo vivo que o rodeia — raro em Portugal e raro pelo mundo fora. Neste aspecto, Mértola, enquanto projecto pluridisciplinar e enquanto projecto total, adquire um valor exemplar que ultrapassa o campo de actuação como ultrapassa, pela sua dimensão cívica, o estiolado academismo que parece ser de tom na maioria dos cursos de Letras destes anos 90.

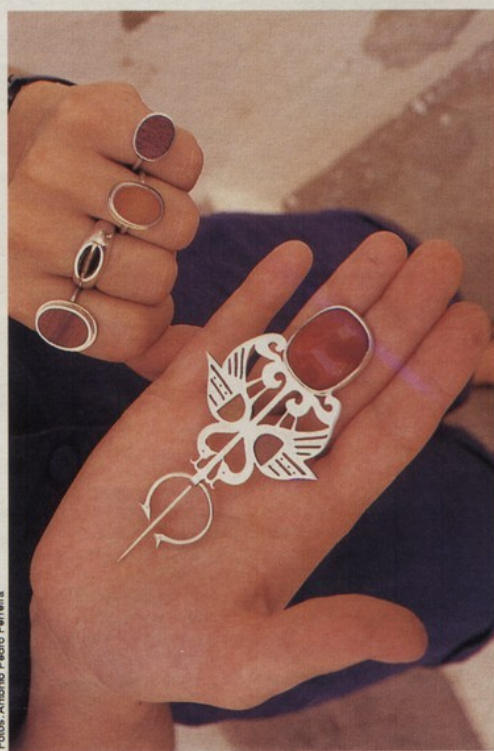
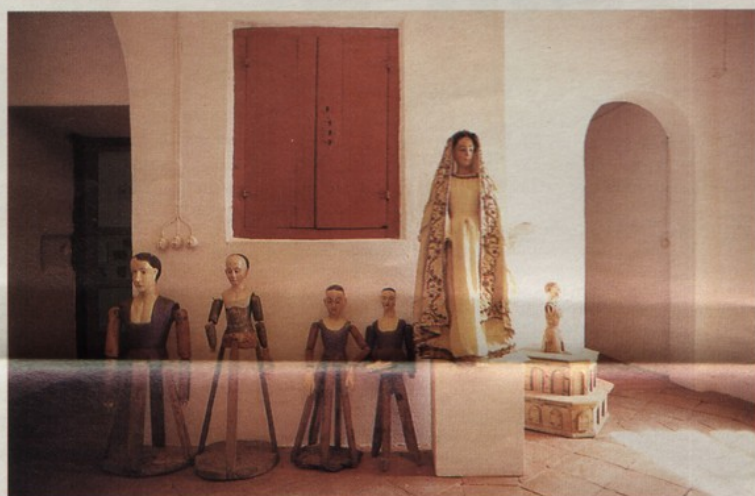
O profundo respeito pelas gentes que constitui a marca distintiva do Campo Arqueológico de Mértola revela-se nos mais inesperados actos. Um dos primeiros consistiu na musealização do ferreiro local; quer dizer isto, muito simplesmente, que se restaurou a casa respectiva e se paga ao último ferreiro para continuar a praticar e a transmitir o seu saber. Outra das iniciativas, e das mais profícuas, consiste na recuperação das técnicas de construção tradicionais. Há uns anos, um seminário operativo sobre a abóbada de tijolo, onde os poucos mestres abobadilheiros foram ensinar a arte, que decorreu em Noudar (onde o Campo prossegue uma série de tarefas de restauro e dinamização), ficou marcado na memória de todos os que tiveram o privilégio de nele participar. Em Mértola, a casa de Cláudio Torres, ampla, fresquíssima nos dias de mais irrespirável calor, faz, pela temperatura reinante, a melhor das propagandas a outra das técnicas recuperadas: as paredes de taipa, em que já a rica casa árabe da encosta do castelo fora construída, setecentos anos atrás, e que tem vindo a ser substituída pelo tijolo, incapaz de um isolamento conveniente — como descobrirá, à sua custa, quem pernoitar na nova pensão local, toda feita «moderna». Trata-se, afinal, de paredes muito largas, feitas de terra prensada sobre uma base de pedra de uns

60 centímetros de altura e depois caída, claro. É, aliás, a razão por que, do bairro árabe posto a descoberto, só restam fiadas de pedra do rés-do-chão.

SE SE LEVANTAREM — quando se levantarem — virá à luz o que resta do período romano, pois Mértola, antes de o ser, era Myrtilis, próspero porto no Guadiana. Dois preciosos conjuntos da época estão já a descoberto: um cripto-pórtico e uma basílica paleo-cristã. O cripto-pórtico é um espaço bellissimo: trata-se de uma longa e alta galeria abobadada, que servia de suporte ao terrapleno onde se erguia o centro político da cidade, com os seus templos e mercados. O interior serviria de celeiro; no chão, de terra, enterravam-se as ânforas de vinho (o casco de madeira é uma invenção medieval). A ocupação islâmica transformou-o em cisterna e acabou por se entulhar. Hoje, funciona como atelier de restauro um pouco «ad hoc», iluminado por umas frestas que coam uma luz sempre dourada pela cor da pedra. Foi para o fundo dela que os cristãos conquistadores atiraram vários dos vencidos, feridos ou mortos. Lá morreram, de fome ou de ferimentos, sem poderem fazer mais aos companheiros que pereciam do que encostar os cadáveres à parede, à espera da sua vez. O último ficou onde caiu, o corpo retorcido por dolorosa agonia. Os esqueletos permaneceram, como testemunho dos brandos costumes de outrora.

A basílica situa-se um pouco longe, no centro de um campo funerário romano, e conservou as melhores estelas do país do tempo dos primeiros cristãos. Algumas — caso único conhecido no mundo — mantêm-se intocadas no sítio onde foram colocadas, cobrindo ainda os restos daqueles que evocam. Uma estrutura coberta, em construção, protegê-las-á e permitirá mostrá-las, juntamente com os outros objectos descobertos no local. Do período romano são ainda os restos por baixo da Câmara Municipal, mostrados num espaço de qualidade idêntica a todo o trabalho que a equipa do Campo Arqueológico tem desenvolvido.

Se Mértola não se tornar uma cidade-fantasma, a estas descobertas, ao interesse que suscitarem e aos visitantes que atraírem o deverá. Se os financiamentos não faltarem — o que não é certo, que a Câmara é pobre e a SEC tem preferido coisas mais de encher o olho, e não tem tempo para se preocupar com a memória de um povo.



Criptopórtico romano, Museu de Arte Sacra na Misericórdia, cópias de jóias antigas feitas no atelier de joalharia do Campo Arqueológico, Cláudio Torres, responsável por todo o projecto